

UMA PALAVRA AO LEITOR

Convido você a caminhar junto comigo. Venha... vou lhe contar a minha história.

O livro percorre diferentes fases dessa trajetória, desde acontecimentos anteriores ao nascimento do autor, passando pelos trinta anos de serviço prestado à Polícia Militar do Estado de São Paulo, entre 1980 e 2010, até alcançar os dias atuais.

A partir desse momento, a narrativa segue seu próprio caminho, permitindo que cada leitor encontre, ao longo da leitura, reflexões que também dialoguem com a sua própria história.

“Basta virar a página.”

OS FUNDAMENTOS DA MINHA HISTÓRIA

“Toda construção começa pelos seus fundamentos. Na vida, eles não são feitos de concreto ou aço, mas de pessoas, exemplos e lembranças que sustentam tudo o que nos tornamos.”



Minha história começa em São Caetano do Sul, cidade onde nasci e continuo morando até hoje. Na época do meu nascimento, ela ainda estava em pleno desenvolvimento. As ruas eram de terra, havia pouca infraestrutura e tudo parecia crescer ao mesmo tempo. Embora meus pais morassem em uma casa simples e alugada, foi na casa dos meus avós maternos que vivi grande parte da minha infância. É para lá que minhas lembranças sempre retornam quando procuro o início da minha história.

A casa dos meus avós era simples, mas, aos olhos de um menino, parecia enorme. Tinha dois dormitórios, uma sala, uma cozinha e uma área fechada onde minha avó preparava as refeições da família. Daquela área começava um grande quintal de terra, onde havia uma goiabeira, uma horta muito bem cuidada, um poço e espaço suficiente para transformar qualquer dia comum em uma aventura. Naquele lugar, sem perceber, comecei a descobrir o mundo.

As primeiras lembranças que guardo não têm datas. São lembranças feitas de sons, cheiros e pequenos acontecimentos. Ainda

O MENINO QUE QUERIA ENTENDER O MUNDO



infância continuava, mas o mundo ao meu redor já não era exatamente o mesmo. Depois da perda do meu avô José e da venda da antiga casa, algumas lembranças permaneceram apenas na memória. Minha avó Miquelina mudou-se para São Paulo, para uma casa alugada, simples, com apenas um quarto, uma cozinha e um pequeno quintal todo cimentado. O enorme terreno onde eu havia passado boa parte da infância ficou para trás. Já não existiam a goiabeira, a horta, o poço ou o espaço que antes parecia infinito. Apesar da mudança, o carinho da minha avó permanecia exatamente o mesmo, mostrando que um lar nunca depende apenas do tamanho da casa, mas das pessoas que vivem nele.

Enquanto isso, eu continuava morando em São Caetano do Sul com meus pais. A cidade também mudava rapidamente. As antigas ruas de terra começavam a receber as primeiras camadas de asfalto, mas ainda havia espaço para brincar na rua. Futebol, esconde-esconde e outras brincadeiras faziam parte dos fins de tarde. Mesmo assim, havia um lugar onde eu passava boa parte do tempo: dentro de casa. Era ali que minha curiosidade começava a revelar quem eu realmente era.

Tudo despertava meu interesse. Eu queria entender como as coisas funcionavam. Ganhar um brinquedo novo significava, quase sempre, descobrir o que existia por dentro dele. O primeiro a sofrer as

O DIA EM QUE VESTI A FARDA

Julho de 1980 marcou o início da caminhada que mudaria

definitivamente a minha vida. Depois da aprovação no concurso da Polícia Militar, chegou o dia de me apresentar ao Centro de Formação e Aperfeiçoamento Policial (CFAP), hoje Escola Superior de Sargentos. Eu ainda não sabia exatamente tudo o que encontraria dali para frente. Apenas tinha a certeza de que estava iniciando a profissão que me acompanharia por toda a vida e que, mesmo hoje, já na reserva, continua fazendo parte da minha identidade.

Ao atravessar pela primeira vez os portões do quartel, não senti medo nem insegurança. Ao longo da vida aprendi a enxergar cada mudança como um novo desafio. Foi assim na infância, no SENAI, na Volkswagen e continuava sendo naquele momento. Eu estava diante de um mundo completamente novo, mas, acima de tudo, diante da realização de um sonho que me acompanhava desde menino.

Nossa apresentação aconteceu usando o uniforme provisório dos alunos, conhecido até hoje como "bichoforme". Era uma roupa simples: calça jeans, camiseta branca e tênis preto. Antes mesmo de recebermos a farda da Polícia Militar, aquele conjunto já representava o início da nossa transformação. Fomos divididos em pelotões de 40 homens. Cada pelotão possuía um oficial comandante e um sargento auxiliar responsáveis pela nossa formação. A partir daquele momento aprendíamos que disciplina, hierarquia e, principalmente, espírito de

O CORAÇÃO NO FREEZER

“Durante muitos anos, perguntaram-me como eu conseguia enfrentar situações tão difíceis e, ao chegar em casa, continuar vivendo normalmente ao lado da minha família.”

Ao longo da minha carreira, essa foi uma das perguntas que mais ouvi. Muitas pessoas imaginavam que, depois de presenciar acidentes, tragédias, confrontos armados, partos realizados em condições extremas e tantas outras situações marcantes, seria impossível voltar para casa e simplesmente continuar vivendo como se nada tivesse acontecido. Na verdade, nunca foi assim. Cada ocorrência deixava uma lembrança, algumas permaneciam por poucos dias, outras me acompanham até hoje. Mesmo assim, sempre procurei fazer uma separação muito clara entre o policial militar e o homem.

Graças a Deus, nunca misturei minha vida profissional com a minha vida particular. Quando alguém me perguntava como conseguia fazer isso, respondia com uma brincadeira que, no fundo, representava exatamente aquilo em que acreditava.

— Antes de sair para o serviço, vou até a geladeira, abro o freezer e também a portinha do meu coração. Tiro meu coração, deixo ele lá dentro e, no lugar dele, coloco uma pedra de gelo. Quando volto para casa, faço o caminho inverso. Abro novamente

NASCER EM MEIO À TEMPESTADE



Entre as inúmeras ocorrências que vivi ao longo da carreira, algumas permaneceram na memória pelo risco que enfrentamos. Outras ficaram gravadas pela emoção que proporcionaram. Esta pertence ao segundo grupo. Sempre que me recordo daquela noite, não me lembro da chuva, da lama ou das dificuldades que enfrentamos. Lembro-me do primeiro choro de uma criança e da certeza de que, naquele instante, a vida havia vencido todas as adversidades.

Era uma tarde de domingo e chovia intensamente em Santo André. Em determinado momento, o rádio da viatura transmitiu uma solicitação de auxílio a uma parturiente. A informação vinha acompanhada de um detalhe importante: o marido da gestante estaria nos aguardando em uma padaria do bairro, pois a casa onde moravam ficava em um local de difícil acesso. Sem sua orientação dificilmente conseguiríamos chegar ao destino. Seguimos imediatamente até o ponto combinado e, assim que ele embarcou na viatura, passou a indicar o caminho.

O destino era uma das entradas do Clube de Campo do ABC, próximo a uma extensa área de mata e também da represa. Quando chegamos ao final da estrada, percebemos que a viatura não poderia prosseguir. O restante do percurso teria de ser feito a pé. Já havia anoitecido e a chuva, em vez de diminuir, parecia cair com ainda mais intensidade. Durante quase meia hora caminhamos por trilhas estreitas,